



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

## ABUSO SEXUAL, EFEITOS QUE SILENCIAM

Karoline Bones Dill,<sup>1</sup> Luciane De Conti,<sup>2</sup> Marjorie Machado,<sup>3</sup> Rafael Fredi<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga em consultório particular/ karolpsi.b@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura/ UFRGS/ luciane.conti@ufrgs.br

<sup>3</sup> Psicóloga, mestranda do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura/ UFRGS/ marjorie.psique@gmail.com

<sup>4</sup> Psicólogo em consultório particular/ rafael.fredii@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho, abordamos os efeitos da violência sexual na vida de uma menina integrante de um grupo familiar acompanhado em diferentes serviços da rede pública de assistência. Utilizamos a estratégia do estudo de caso segundo o método psicanalítico de pesquisa. Como dispositivo da proposta de pesquisa, adotamos a escuta sensível de duas das autoras responsáveis pelo atendimento dessa família. Nossa intenção é poder gerar ecos acerca das questões que relacionam o abuso sexual à objetificação e à racialidade.

**Palavras-chave:** psicanálise, abuso sexual, racismo, silenciamento.

### 1. Introdução

O presente texto está intimamente relacionado aos ecos do trabalho no campo das políticas públicas em uma cidade situada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Nesse município, duas das autoras trabalharam, no ano de 2018, em diferentes políticas públicas: Saúde e Assistência Social, numa Unidade Básica de Saúde (UBS) e Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), com vínculos de estagiária e coordenadora, respectivamente.

Pretendemos alinhar, em palavras, os efeitos do que resta da escuta, realizada no contexto das políticas públicas, de uma família marcada por complexas situações de violência intrafamiliar, caso que permanece ecoando e gerando discussões clínicas e teóricas. A família em questão foi acompanhada nos serviços e, para fins deste trabalho, escolhemos nos interrogar sobre os efeitos da vivência de abuso sexual intrafamiliar na vida de uma das filhas, Ana Sofia. Em específico, sobre o que pudemos escutar do seu sofrimento atrelado à objetificação do feminino associado a questões raciais. Para isso, propomos a discussão a partir do método psicanalítico, por meio da análise do que compomos como caso, oriundo da escuta sensível.

Destacamos que a família é composta por pessoas pretas, em situação de

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

vulnerabilidade social e econômica. Almeida (2019) afirma que o racismo não está apenas no comportamento individual, mas no laço social que engendra a dinâmica das instituições públicas e privadas, configurando, mesmo que indiretamente, desvantagens para a população preta. A vulnerabilidade referida também faz fronteira com o racismo, é interseccional. Estar em situação de vulnerabilidade social compõe-se, muitas vezes, como um desamparo social e discursivo que por sua vez suscita, incessantemente, efeitos nefastos nos sujeitos, colocando-os em posição de risco. O risco na infância está vinculado a fatores que podem ameaçar ou causar efeito danoso à integridade da criança, seja moral, psicológica, física, bem como omissão da família, de grupos sociais ou do Estado (COSTA, 1993).

## 2. O caso, apresentação e breve proposta de análise

Em uma noite qualquer, o genitor chegou em casa, de madrugada, alcoolizado. Trabalhava à noite em um frigorífico. Foi ao quarto das meninas. Ana Clara, de seis anos, estava acordada e, diante do que assistia, ficou calada, silenciada pelo horror. Paralisou. O homem (pai/padrasto), assustador, tapava com sua mão a boca de Ana Sofia, 12 anos, sua enteada, enquanto a despiu e a estuprou. Ana Beatriz, a mãe, dormia no quarto ao lado.

A violência vivida por Ana Sofia perpassa o corpo psíquico da irmã e da mãe, causando uma dor que se propaga pela família, afetando o irmão caçula e a avó, adoecendo cada um de forma diferente. Na obra “Psicologia de grupo e a análise do Ego”, Freud ([1921]1980) aborda a intersubjetividade, destacando que o desenvolvimento de cada sujeito está entrelaçado com o de Outros. A subjetividade da criança se constrói através da relação com objetos e afetos, através de experiências reais, simbólicas e imaginárias; dessa forma, mostra-se possível uma transmissão psíquica, de traços de subjetividade e de adoecimentos também, fenômeno de identificação imaginária. Para Kaes (1998), o inconsciente carrega a “marca” de outros sujeitos, que se manifesta na sua estrutura e nos seus conteúdos.

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>		Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:					Produção:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

A história de uma família, mesmo uma história não contada, talvez, principalmente uma história adivinhada ou silenciada, é passível de ser transmitida entre gerações e ser atualizada em vivências das novas gerações. Aquilo que se transmite é aquilo que não pode ser dito (vergonha, medo, decepção, luto).

A escuta de Ana Sofia foi a pedido da mãe: “Quem sabe ela conte pra você como foi que aconteceu”. A mãe só tinha escutado por meio da narrativa de Ana Clara, que foi testemunha visual do abuso, de modo que a confiança de toda a violência estava nas palavras dela. Ana Sofia se recusava a falar a respeito; quando sua fala era solicitada, mantinha-se em silêncio; ela é quem menos se destaca na narrativa. Após ter sofrido a violência, manteve-se calada e assumiu essa posição para si. O silêncio de Ana Sofia falava de algo, era um silêncio gritante.

Sabemos, pela narrativa de Ana Clara, que após o abuso a irmã segurou a sua mão com força e chorou; não buscou a mãe, fechou-se sobre si mesma. Quando a mãe descobre o crime, vai com a filha até a delegacia e a hospitais, em busca de ajuda. Nessa movimentação, as palavras são da mãe. Quando elas chegam até a UBS, o pedido de Ana Beatriz para que a estagiária de psicologia fale com Ana Sofia ilustra essa posição.

Após algum tempo, tem-se a informação de que Ana Sofia estava se automutilando, realizando cortes nos braços e coxas com uma lâmina. Com o acting-out, a adolescente fala sobre a sua dor; por meio do fazer ela elucida a sua dor, as suas perdas e os seus medos. O acting-out se manifesta pela necessidade que Ana Sofia tem de nomear o ocorrido, de dar bordas ao excesso sofrido no corpo, de falar – embora não verbalmente –, pois estava inserida em espaços onde todos falavam sobre isso, de diversas posições, seus familiares, amigos, professores, profissionais de saúde. Contudo, ela era a única que não podia se narrar, que não encontrava espaço subjetivo para a sua fala, e recorreu a outros meios de responder à angústia. Ana Sofia vivia uma angústia indizível e encontrava

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
--------------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

o seu desamparo de modo escancarado. Os cortes aliviaram algo da angústia e da dor, ao mesmo tempo que a lembravam de que estava viva. De acordo com Lacan ([1962-1963] 2005), a angústia se manifesta quando não temos a falta do objeto que caracteriza o desejo, ou seja, quando a falta falta.

Dessa forma, encontra-se a falta da linguagem, que é um vestígio da falha da separação do sujeito e do objeto; essa posição se mostra como uma prova da falta de garantias da existência subjetiva (LESOURD, 2004). Assim, de acordo com nossa leitura-escuta, o lugar de objetificação é visto nesse caso, a partir do que diz Ana Beatriz quando se refere ao ex-companheiro: ele se dedicou a Ana Sofia, sua enteada, “como se fosse sua”. O pronome possessivo “sua” parece denunciar algo da objetificação dessa filha, o que parece estar presente nesse caso.

O que essa questão presentifica pode ir além. É o que Ribeiro (2019) nos aponta ao dizer que, no imaginário coletivo brasileiro, mulheres negras são ultrassexualizadas, tidas como “fáceis” e “naturalmente sensuais”. Segundo a autora, essas ideias se prestam, inclusive, para as justificativas de abusos sexuais, visto que mulheres negras são as maiores vítimas desse tipo de violência em nosso país. “Obviamente a questão não é sobre a sensualidade de determinada mulher, mas sim sobre a necessidade de enquadrar mulheres negras nesse estereótipo.” (RIBEIRO, 2019, p. 83).

Ainda em tempo, destacamos que em alguns momentos Ana Sofia traz questões referentes à elaboração infantil e em outros um comportamento que podemos ler como de uma adolescente. Relacionamos esse comportamento à interrupção abrupta que sofreu no processo de deixar a infância, quando passa pelo abuso em meio a essa transição, a essa passagem. “O ‘trabalho de passe’, a adolescência é des-velamento e depois re-velamento dessa origem do gozo na carne, que só pode ser meio-dita, obrigando então o sujeito aos jogos da conversação.” (LESOURD, 2004, p. 55).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

### 3. Conclusão

Ana Sofia sentiu na carne os efeitos da violência sexual, e por não encontrar um espaço onde pudesse elaborar a violência por meio da fala, dando-lhe um destino, inscreveu no próprio corpo novas marcas que lhe permitissem um alívio da angústia que o silenciamento não lhe permitia narrar de outra forma. A violência sofrida por Ana Sofia se projeta para as demais Anas e provoca outros adoecimentos, sendo importante salientar as margens que essa dor pode provocar no corpo e na vida ao decorrer da idade. Como é sabido, a violência sexual contra crianças e adolescentes produz graves efeitos na vida psíquica, pois, segundo Giffin (1994), o abuso sexual de crianças e adolescentes deixa sequelas sérias a longo prazo, sendo os casos mais sérios os de vítimas de pais e padrastos, com contato genital. A autora aponta que as sequelas que perpassam as vítimas são psicossomáticas e incluem problemas crônicos, como dor de cabeça, asma, dor pélvica, problemas ginecológicos e gastrointestinais, assim como danos pungentes na autoestima e na autoimagem. Também se observou que as mulheres que sofreram abuso tendem a ter menos capacidade de se proteger, menos consciência do seu valor e dos seus limites, e podem se tornar propensas a permanecer na posição silenciada.

Neste trabalho, buscamos levantar tais questões a partir do recorte apresentado, e podemos concluir o quão violenta é essa realidade, que pode gerar silenciamento, impossibilidade de elaboração, diante de algo que é da ordem do inenarrável, do indizível. Este caso apresenta a possibilidade de pensarmos a posição de objetificação e posse do corpo feminino/infantil, preto, que também denuncia a falha social, pois deixa um buraco perante uma sociedade hegemônica, centrada no patriarcado e na branquitude. Sociedade que faz vítimas que devem ficar caladas. Fazer ecoar essa discussão sem dúvida é uma forma de possibilitar que muitas Anas possam seguir falando.

### Referências

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>		Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:					Produção:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *É possível mudar: a criança, o adolescente e a família na política social do município*. São Paulo: Malheiros Editores, 1993.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 89-179.
- GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de saúde pública*, v. 10, p. S146-S155, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/nj5NpCSgpQFQCslmBZ4KC7p/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1º jun. 2023.
- KAES, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, A. et al., *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 5-19.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LESOURD, Serge. *A construção adolescente no laço social*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.